

# Pontes e Pontes

Circus do Suannes

*“Like a bridge  
over troubled waters,  
I will lay me down.”*

Eu disse um [dia](#) desses que “o artista é alguém que poderia muito bem intitular-se um pontífice, tanto quanto o Papa. É, também ele (somos, também nós, eis o que eu queria dizer), um construtor de pontes. Pontes de corda, que ele atira longe, na esperança de que as garras dela se enganchem na sensibilidade de quem vê seus quadros, toca suas esculturas, ouve sua música, lê seus textos. E é por essa escada, nem sempre firme, nem sempre segura, que o destinatário toma conhecimento da obra de arte, que lhe produzirá um sorriso, ou um esgar, pouco importando quem seja o autor de quê.”

Quando recebi o convite para a noite de autógrafo, avaliei os prós e os contras. Já passei antes por algumas situações dessas, que [ativa](#) quer passivamente. Explico: ou era eu o convidado ou era eu o convidante. Como convidante, aquela fila indiana na tua frente, cada um com teu livro na mão e você vendo aquela cara conhecida, cujo nome não vem encimando uma legenda identificatória. “Quando vão inventar crachá obrigatório para essas ocasiões?” Felizmente, quando aquele sorriso chega mais perto e você abre o livro para escrever “*que bom que você veio*” já está o papelinho que a previdente vendedora botou logo ali, bem depois da capa, com o nome do teu anônimo admirador: “*E aí, não tens ido mais lá. Temos sentido tua ausência.*” Lá onde, Deus do céu? Do que que essa sorridente figura está a falar? Aí você inventa uma desculpa meio descabelada, tipo “*o tempo é pouco e quase sempre temos de fazer o que devemos em lugar de fazermos o que gostaríamos de fazer*” algo que não diz muita coisa mas faz o nosso interlocutor pensar enquanto rabiscamos o chamado autógrafo e devolvemos o livro, convenientemente

fechado, com um retributivo sorriso ou, conforme as circunstâncias, também com um aperto de mão. Ou dignando-nos de ficarmos de pé para um abraço e a indefectível fotografia, agora que câmara digital virou essa febre que se alastra por todo canto, daqui a pouco até caneta bic virá com uma. Aliás, a frase serve, na pior das hipóteses, para o comprador do livro admirar nossa capacidade de inventar desculpas, mal sabe ele que já usamos essa frase vezes e vezes para justificar ausência em velório, em reunião de condôminos ou em recepção de candidato a vereador. Acho que também já [escrevi](#) sobre isso. Preciso parar de repetir-me.

Mas eu falava dos tais convites. Recebo-os com alguma freqüência. Quase que eu disse diuturnamente, mas achei que seria exagero. Constantemente? Menos, cidadão, menos. Então fica *oalguma freqüência*, que nem me compromete nem me apequena. Tenho recebido convites enviados por minha amiga [Inês Ramos](#) para lançamentos de livros em Lisboa e adjacências, com direito a beberete, pá. Não que me seja difícil tomar um avião cá, dexter, como lá dizem eles, no aeroporto da Portela, participar do tal lanxamento de livro e de imediato retornar aos meus afazeres rotineiros. O crack da Bolsa, que decorreu do fato de o Bush não ser craque em coisa alguma, além de pé frio, pode ter atingido duas ou três de minhas empresas, mas, como diz o colega [Soros](#), quando se perde é que é hora de ganhar. Pra mim, vindo do Soros, isso não é grego, é húngaro, mas confio nos pacotes de socorro que estão sendo concedidos aos amigos do Bush e, por tabela, aos clientes dos amigos dele. Em último caso, tristeza de muitos alegria é, como dizia minha avó. Eis o que eu queria dizer: só não vou a Portugal com mais freqüência em solidariedade ao colega Saramago, aquele escritor que fez uma troca d'ilhas: foi de jangada de pedra para Lanzarote, onde quer que fique isso.

Quando o percurso não se mostra muito longo, lá estou eu para *prestigiar* o tal lançamento, como dizem alguns. Só me falta dizer, como já ouvi de algumas artistas de televisão, “*vim aqui abrilhantar a tua festa*” Ou seja, sem o meu brilho e sem o prestígio que minha presença está dando, que droga de lançamento seria este, caro amigo Marcos Pontes.

Numa dessas ocasiões, em razão de compromissos nossos em locais diversos, eu e minha

mulher chegamos à tal livraria onde se daria o lançamento do livro em momentos distintos, ela mais cedo. Quando chego, ela espumava. **“Um desses teus colegas aprontou uma boa. Ele e mais dois amigos estavam para cruzar a porta de entrada quando deram pela minha presença. Ele parou, afastou os dois amigos, para que eu entrasse”** por que então a raiva? Pelo piropo que aquele falso espanhol tossiu: **“Primeiro a beleza..”** O que fez minha mulher dizer a ele **“E depois a inteligência dos senhores. É isso”** O fato é que dei uma sonora gargalhada, pois minha mulher é famosa pelos enquadramentos que vive fazendo em quem não pensa antes de abrir a boca perto dela. Pergunte a quem teve de aprender Direito Internacional com ela na USP. O fato é que se impunha que fôssemos adquirir o livro em lançamento e colher o autógrafo do seu autor. A fila caminhava naquela velocidade de tartaruga reumática mas acabamos, eu e ela, frente a frente com o tal autor. Ela me cutuca: **“Esse cretino do outro lado da mesa foi exatamente o autor da grosseria!”** Imaginem a cara dele quando dá com a cara dela, que ele não conhecia, de braço dado comigo.

Outro desses lançamentos ocorreria num dia atípico: eu com compromisso profissional à tarde e minha mulher com compromisso à noite. E eu não querendo deixar de ir, pela curiosidade em conhecer o autor, de quem já lera alguns poemas e alguns relatos, e os que por lá aparecessem. A solução foi ir ao Boteco do Ferraz no intervalo, morrer de inveja dos que iriam aproveitar o encontro para melhor se conhecerem e, sacrifício dos sacrifícios!, sem virar um só dos tantos copos de chope previsíveis, dizer um oi aos presentes, dos quais eu só conhecia o garçom, abraçar o Marcos e sair com **DôAcolá** debaixo do braço. O que só fez aumentar minha raiva.

O homem tem leituras, condição dita **aine qua non** para que alguém tenha outro atributo que o Marcos Pontes possui: estilo. No geral, o que há no livro são mini-contos, escolha difícil, pois, se o conto já é um desafio, pela necessidade da síntese, o mini-conto exige uma depuração e uma honestidade intelectual ímpares: nada de gordura, o que significa economia franciscana de adjetivos. Em segundo lugar, modismo ou não, ele, tanto quanto eu, acredita no realismo fantástico. **Déjà Vu** para citar um só de seus contos fantásticos, tem tudo para estar numa antologia de contistas latino-americanos, ao lado dos Cortazares

e dos Borges. A fina ironia derrama-se pelo livro, como se vê da escolha dos nomes dos personagens: Adevanair, Cleovaldo, Ziluê, Lucivaldo, Elânia, Agninaldo, Lucidalva, Atenório e Ermenivaldo dizem por si só do modo de ser da brava gente nordestina. É só ver a escalação dos times de futebol nordestinos para dar com nomes que nada devem a esses. Qual o propósito do escritor com essa escalação?

Há no Brasil atualmente um curioso fenômeno cultural. Editoras “brasileiras”, tanto quanto gravadoras “brasileiras”, empenham-se em enterrar, ainda no nascedouro, compositores, cantores, músicos e escritores nacionais. Por interesse puramente mercadológico, essas empresas, com apoio na legislação que fazem aprovar, preferem divulgar no Brasil escritores, compositores, músicos e cantores que têm no Exterior notável instrumental de promoção, que praticamente elimina a possibilidade de haver escritores, compositores, músicos e cantores nacionais que a eles se possam ombrear. Não fosse isso assim, escritores como Marcos Pontes seriam lidos em todo o país e até mesmo além fronteira, pois sua narrativa, numa aparente preocupação regionalista, é, em realidade, universal. *Vodu* e *No Topo*, por exemplo, passam-se onde?

A páginas tantas diz o narrador que *“o viajante não precisava de máquina fotográfica para eternizar o que via e máquina nenhuma registraria o aperto no peito e a força que fez para conter as lágrimas de compaixão. Aquelas cenas de menos de dez minutos ficaram tatuadas para sempre em seu cérebro”*. É, evidentemente, o autor a falar da sensibilidade e da arguta percepção do Marcos [Pontes](#).

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/pontes-e-pontes-1>